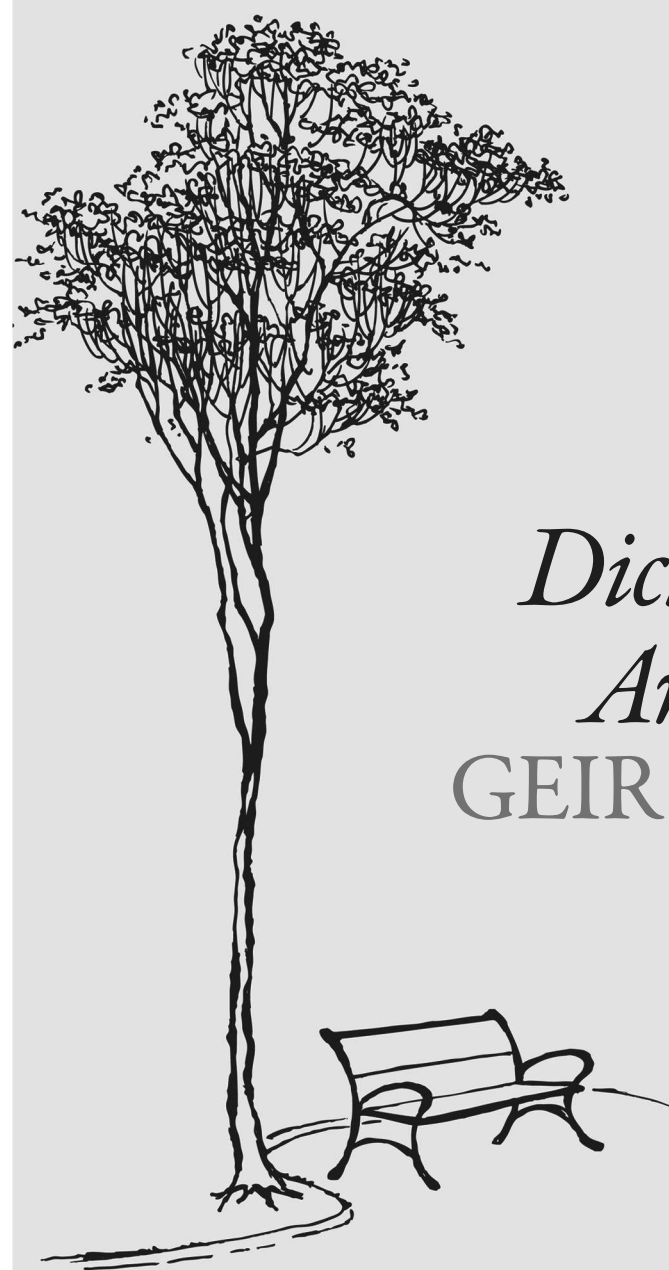




Ao
Emanuel,
chamando a atenção para
o prefácio, este
PEQUENO DICIONÁRIO
DE ARTE POÉTICA,
sem querer sussurrar
missa ao vigário,
com mais
um abraço
do amigo
Geir
1961

Autógrafo de Geir Campos em exemplar da primeira edição pertencente à coleção de Ricardo Rodrigues, criador do perfil @livrosautografados no Instagram, e que gentilmente cedeu a imagem para esta edição. É possível que o exemplar tenha sido dado ao também poeta Emanuel de Moraes.



*Pequeno
Dicionário de
Arte Poética*
GEIR CAMPOS

5ª. EDIÇÃO
2023

640 verbetes com centenas
de exemplos poéticos
cuidadosamente selecionados

Copyright © 2023 by herdeiros de Geir Nuffer Campos

1ª. edição – Conquista, 1960

2ª. edição – Ediouro, 1966

3ª. edição – Cultrix, 1978

4ª. edição – Ediouro, 1989

5ª. edição – Madamu, 2023

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

C198p Campos, Geir (1924-1999).
Pequeno Dicionário de Arte Poética, 5ª. ed., São Paulo: Editora Madamu,
2023.

232p., 16 x 23cm
ISBN 978-65-86224-36-8

1. Dicionários. 2. Literatura Brasileira. 3. Poesia. I. Título. II. Autor.

CDD: B869.03

Para
CARLOS AUGUSTO
e
MAURO

Índices para catálogo sistemático:

1. Dicionários. 2. Literatura Brasileira. 3. Poesia.

Advertência

(da quarta edição)

Geir Campos: 10.000 de tiragem

A Editora Conquista vai lançar o "Dicionário de Arte Poética" de Geir Campos com a expressiva tiragem de 10.000 exemplares. O editor Hersen, da Conquista, acredita nas possibilidades comerciais do livro. Nós, também.

LEITURA

Notícia publicada na Revista Leitura, ed. 34, p. 63,
sobre o lançamento deste Dicionário em 1960.
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Este PEQUENO DICIONÁRIO DE ARTE POÉTICA, feito mais ou menos à maneira de qualquer outro, não tem a pretensão de ensinar pessoa alguma a fazer poesia, nem sequer a fazer versos — assim como um compêndio de anatomia não há de arvorar-se em ponto de partida para a criação de nenhum ser vivo. Entretanto, como para a ordenação de um mundo lógico (para não falar em científico) torna-se quase indispensável conceituar e definir, designar pelo menos, cada coisa ou fato que nele toma parte, não será demais um livro onde se ponham humildemente em fila alfabética os nomes e conceitos e possíveis definições das coisas e fatos que formam a porção lógica do mundo poético.

Outra desculpa ora invocada para os poucos méritos deste livro é o ter tido ele apenas um autor, quando o volume e a própria espécie de trabalho pareciam sugerir obra de equipe; eis por que o autor de bom grado aceitará sugestões e críticas de leitores capazes de interessar-se por um empreendimento desta natureza e suficientemente altos de espírito e coração para lhe revelarem as primeiras faltas e omissões.

Quanto à estrutura mesma do trabalho, acompanhou a dos numerosos modelos no gênero, muitas vezes tentando suprir com exemplos as definições e os conceitos dos verbetes; na escolha dos exemplos houve um ostensivo propósito de citar autores brasileiros, abrindo exceção quase só para Camões, o inabalável.

São 640 verbetes e remissões. Todas as palavras que aparecem em maiúsculas, no texto, querem com isso dizer que reaparecem marginando outras tantas remissões ou verbetes.

Ainda por admitir a precariedade de um **DICIONÁRIO DE ARTE POÉTICA** já de si apresentado como **PEQUENO**, o autor tenta redimir-se, em parte, acrescentando-lhe, na seção final, uma espécie de roteiro bibliográfico, para uso e referência de estudantes e estudiosos.

Geir Campos,
1989.

A

A B C — São as três primeiras letras do alfabeto e, de modo geral, assim juntas, sugerem os rudimentos de qualquer arte ou ciência. Em arte poética, o ABC designa certo tipo de composição em que as ESTROFES principiam, sucessivamente, pelas letras em sua ordem alfabética natural. Não é de hoje o artifício, e já em Luís de Camões encontram-se exemplos de ABC. No Brasil, o ABC é principalmente encontrado na literatura popular, dos CANTADORES, que por esse meio celebram feitos de cangaceiros, vidas de santos e heróis, coisas e fatos marcantes, valendo como verdadeira consagração o aparecimento de um ABC sobre tal ou qual motivo. Além das letras, o ABC popular às vezes dá-se ao requinte de incluir a *cedilha* e o *til*, como no final do “ABC do garimpeiro” em *O Amoroso e Terra* de Afonso Félix de Souza:

O *til* é letra esquecida,
mas o “não” ela é que cobre;
e de “nãos” se cobre a vida
de quem sonha e nasceu pobre.

ABECEDÁRIO — Composição poética artificiosa cujo mérito reside em ter cada VERSO começado com uma das letras do alfabeto, na sua ordem natural (ver ABC). O antigo *abecedarius* constitui, desse modo, uma espécie de ACRÓSTICO, mas também admite variantes, como, por exemplo, esse “Poème alphabétique” de Tristan Derême, citado por Matila Ghyká em seu *Sortilèges du Verbe*:

ACENTUAL — Diz-se o VERSO que tem por base morfológica a frequência e qualidade dos ACENTOS ocorridos, pelo que se distingue dos tipos QUANTITATIVO e SILÁBICO estabelecidos sobre a DURAÇÃO ou sobre o NÚMERO das SÍLABAS métricas. Exemplo de verso ACENTUAL é fornecido pelo KNITTELVERS alemão antigo, feito à base de ALITERAÇÃO (*Stabreim*) e da obrigação a quatro ICTOS em cada linha, sem nenhuma exigência quanto a RIMA ou METRO. Pedro Enriquez Ureña assinala também a ocorrência de ACENTUAIS nos primórdios da poesia ibérica.

ACISMO — Espécie de FIGURA em que o autor finge recusar algo por que todavia anseia, como no “Poema do amor sem exagero” em *Poemas* de Joaquim Cardozo:

Eu não te quero aqui por muitos anos
nem por muitos meses ou semanas,
nem mesmo desejo que passes no meu leito
as horas extensas de uma noite.
 Para que tanto Corpo!
Mas ficaria contente se me desses
por momentos apenas e bastantes
a nudez longínqua e de pérola
do teu corpo de nuvem.

ACONSONANTADOS — Chamam-se, por oposição aos ASSONANTADOS (que têm rima TOANTE), os VERSOS de rima CONSOANTE.

ACRIBOLOGIA — Qualquer anotação ou referência, aparentemente minuciosa, mas fora de qualquer possibilidade de verificação, embora de efeito esperado quanto à verossimilhança, como em “Não sei dançar” de *Libertinagem* de Manuel Bandeira, que começa:

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho *todos os motivos menos um* de ser triste.

ACRÓSTICO — Composição poética na qual certas letras, pela sua posição intencional dos VERSOS, formam por sua vez uma palavra ou frase, geralmente um nome próprio. O tipo mais usual é o que se faz no início dos versos, o *acróstico* propriamente dito; há também o que tem lugar no meio dos versos, denominado MESÓSTICO, e o que se encontra no fim, TELÉSTICO. Nos poemas populares, a última estrofe costuma conter o acróstico do autor; em alguns poemas medievais, também. Sem mais finalidade que a de ostentar a frase ou palavra que lhe dá origem, o acróstico, muito em voga nos primórdios e nas fases decadentes de toda literatura escrita, nunca é mais do que poesia de CIRCUNSTÂNCIA, hoje em desuso e com escasso prestígio. O exemplo seguinte, com o acróstico inicial “voso como cativo” e o medieval “mui alta senhora”, é o 130º. dos *Sonetos* de Luís de Camões:

Vencido está de amor Meu pensamento
O mais que pode ser Vencida a vida
Sujeita a vos servir e Instituída,
Oferecendo tudo A vosso intento.
Contente deste bem, Louva o momento
Ou hora em que se viu Tão bem perdida;
Mil vezes desejando A tal ferida
Outra vez renovar Seu perdimento.
Com esta pretensão Está segura
A causa que me guia Nesta empresa,
Tão estranha, tão doce, Honrosa e alta,
Jurando não seguir Outra ventura,
Votando só por vós Rara firmeza
Ou ser no vosso amor Achado em falta.

ADÍNATON — Tido por alguns autores como uma espécie de HIPÉRBOLE, e por outros como um tipo de PERÍFRASE, o adínato/n caracteriza-se por sua expressa intenção de levar algo ao ponto de torná-lo impossível

de realizar-se. A palavra portuguesa “adínaton” (ou “adínato”) já é um aportuguesamento da grega *adynaton*, que significa “impossível”. O mais conhecido exemplo de adínato encontra-se naquelas célebres palavras atribuídas a Jesus de Nazaré: “É mais fácil passar um camelo pelo furo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino do Céu”. (E a impossibilidade, no caso, permanece, ainda que o “camelo” a que se referem tais palavras seja um tipo de corda fabricada com pelos de camelo, e não o animal conhecido com esse nome).

ADIVINHA — Também chamada *adivinhação*, é uma espécie popular de ENIGMA, geralmente versificado, enunciado com um prólogo interrogativo como “O que é, o que é?” ou “Que será, que será?” e exemplificado neste de Leonardo Mota, cearense, cuja incógnita é o *anzol*:

Torto assim, mas assim torto
roubo a vida ao mais direito.
Sem ser de veneno feito,
quem me engole fica morto.
Dou sustento, dou conforto.
com mortífero aparato;
dos mortos faço meu fato
e tenho condição tal
que, solto, não faço mal,
mas, quando estou preso, mato.

ADNOMINAÇÃO — O mesmo que PARONOMÁSIA.

ADÔNIO — Tipo de VERSO greco-latino formado de um DÁTILO e um TROQUEU (ou ESPONDEU), usando-se raramente em séries e quase sempre como QUEBRADO final de estrofe SÁFICA.

AFÉRESE — Espécie de METAPLASMO por *supressão* de letras no início da palavra, como em “stamos” por “estamos” no “Navio negreiro” de *Os Escravos* de Castro Alves:

Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
brinca o luar, dourada borboleta;
e as vagas após ele correm... cansam
como turba de infantes inquieta...

AGUDAS — Também chamadas MASCULINAS ou OXÍTONAS, são as RIMAS que se fazem com palavras acentuadas na última SÍLABA ou com monossílabos tônicos, como em todos os VERSOS ímpares de “No vosso e em meu coração” em *Belo Belo* de Manuel Bandeira, que começa:

Espanha no *coração*:
no coração de Neruda,
no vosso e em meu *coração*.
Espanha da liberdade,
não a Espanha da *opressão*.
Espanha republicana:
a Espanha de Franco, *não!*...

ALBA — Composição lírica dos primórdios da poesia provençal e francesa, tendo sempre por motivo a aproximação do dia, saudada, ora com prazer, pelos que almejam a claridade, ora com mágoa, como no tipo mais comum de *aube* em que uma ave ou “vigilante” dá, aos amantes que passaram a noite juntos, o aviso de que a manhã vem perto e é a hora da separação. Também há outros assuntos de ALBAS, místicas ou religiosas, militares ou de jornada. A princípio a ALBA era monologada, passando a admitir mais tarde a forma dialogal. O exemplo seguinte data provavelmente do século XII, e pode ser entendido ou como poema de amor como cívico:

Vos ki ameis de vraie amor, esveilliez vos, ne dormeis pas! L'aluete nos trait lou jor, et si nos dist an ses refrais ke venus est li jor de pais...	(<i>Vós, que amais com vero amor, despertai! Não fiquéis dormindo: a cotovia trouxe a manhã e bem nos diz, no seu refrão, que é che- gado o dia da paz.</i>)
--	--

ALCAICOS — Dizem-se os VERSOS greco-latinos utilizados por Alceu para criar a ESTROFE alcaica, senda os dois primeiros *hendecassílabos* (BREVE, TROQUEU, TROQUEU ou ESPONDEU, DÁTILO, TROQUEU e LONGA), *eneassílabo* o terceiro (BREVE, TROQUEU, ESPONDEU, TROQUEU, TROQUEU ou ESPONDEU) e *decassílabo* o quarto (dois DÁTILOS, um TROQUEU, e um TROQUEU ou ESPONDEU).

ALCMÂNIO — Nome dado ao TETRÂMETRO datílico, devido ao poeta Alcman que o consagrou.

ALEGORIA — Espécie de FIGURA que resulta quando se descreve certa coisa de forma que a descrição também se possa aplicar a outra. Quintiliano já a dividia em *pura* (a um passo do ENIGMA) e *mista*, esta última provida de indicações marginais possibilitando a associação da coisa descrita com a subentendida. “Sequência de metáforas”, como a conceituava o mesmo Quintiliano, é citada por René Waltz, em *La Création Poétique*, como “uma espécie de máscara aplicada pelo autor à ideia que se propõe expressar”, mas sempre de maneira a torná-la perceptível ao leitor. A ALEGORIA é quase essencial à FÁBULA e à PARÁBOLA.

ALEXANDRINO — Tipo de VERSO empregado por Alexandre de Bernay em seu famoso *Romance de Alexandre*, caracterizando-se pela CESURA medial obrigatória que o divide em dois HEMISTÍQUIOS hexassilábicos, bem marcados métrica e se possível logicamente, segundo a definição e exemplo de Boileau: “*Que toujours dans vos vers / le sens coupant les mots // suspende l’hémistiche / et en marque le repos.*” Após a sexta sílaba TÔNICA do primeiro HEMISTÍQUIO observa-se uma PAUSA, às vezes ocupada por uma sétima SÍLABA não acentuada, dando a impressão de que se trata efetivamente de um VERSO de 13 sílabas; por extensão, também há quem dê a essa PAUSA ou SÍLABA o título de CESURA. No ALEXANDRINO primitivo, só era obrigatório o ICTO na sexta sílaba de cada MEMBRO MÉTRICO; com o tempo, novos esquemas acentuais foram surgindo, notadamente os dois chamados VERSO CLÁSSICO (quatro ANAPESTOS) e VERSO ROMÂNTICO (três PEÔNIOS). Exemplos bem flexíveis deste

tipo de VERSO fornece Castro Alves, nas “Palavras de um conservador” parafraseadas de Victor Hugo, nos *Hinos do Equador*, onde se lê:

En / fer / mos / e / fe / ri / dos // en / ten / di / a / cu / rar
con / tra / a / le / tra / da / lei. // Não / pá / ra a / í o hor / ror...
Res / sus / cita / va os / mor / tos // es / se / vil / im / pos / tor,
to / ma / va / no / mes / fal / sos // e / fal / sas / qua / li / da / des
e, er / ran / do o / ra / nos / cam / pos // o / ra / pe / las / ci / da / des,
ou / vi / am-no / di / zer: // “Po / deis / me / a / com / pa / nhar!”

ALITERAÇÃO — Sequência de fonemas consonantais idênticos ou congêneres, dentro da mesma unidade métrica, sobretudo em sílabas TÔNICAS iniciais (a *Stabreim* alemã), algumas vezes para efeitos de HARMONIA IMITATIVA ou de ONOMATOPEIA, como nesta passagem do “Minuano” em *Poemas de Bilu* de Augusto Meyer:

As ondas roxas do rio rolando a espuma
batem nas pedras da praia o tapa claro...

ALITERANTE — Tipo de RIMA inicial (*Stabreim*). Ver ALITERAÇÃO.

ALOFONIA — É o nome dado à variação dos TIMBRES vocálicos num mesmo VERSO, principalmente nas SÍLABAS acentuadas, enriquecendo-lhe a musicalidade, como neste trecho da Parte III, “Canto Sétimo” de *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima:

Se é possível datar, datemos, chuvas,
os começos de abril, o orvalho e a relva,
e os pés sobre os caminhos, e as manhãs...

ALONGAMENTO — O mesmo que DIÁSTOLE: artifício pelo qual, para efeitos métricos, uma sílaba BREVE faz as vezes de LONGA. Ver ANCÍPITE.

ALOSTRÓFICO — Diz-se o POEMA em que as ESTROFES são todas de estrutura diferente, umas das outras, como, por exemplo, “A tempestade”, um dos *Últimos Cantos* de Gonçalves Dias. O mesmo que HETEROSTRÓFICO ou ANISOSTRÓFICO. Ver ISOSTRÓFICO.

ALTERCATIO — Espécie de discussão em versos latinos, que deu origem ao DEBATE provençal.

ALTERNADAS — Chamam-se as RIMAS que se repetem sempre na mesma ordem, segundo o esquema *abcd... abcd...* em séries de mais de dois VERSOS, pelo que se distinguem das rimas CRUZADAS, como no “Pórtico” em *Luz Mediterrânea* de Raul de Leoni:

Alma de origem ática, pagã,
nascida sob aquele firmamento
que azulou as divinas epopeias,
sou irmão de Epicuro e de Renan,
amo o prazer sutil do pensamento
e a serena elegância das ideias.

ALTERNÂNCIA — Ver RIMA.

ALUSÃO — É o recurso estilístico de “referência, intencional ou não, a qualquer outro texto literário”, como a define Tillyard em *Poetry Direct and Oblique*, acrescentando que “sua função principal é adensar a significação de certas passagens, consistindo sua obliquidade em proporcionar ao texto um conteúdo maior do que o expresso nas palavras, uma vez que tais palavras trarão à memória outro contexto que, conhecido pelo leitor, virá emprestar-lhes um sentido adicional”. Há ALUSÃO ao livro bíblico da Gênese (capítulo 1, versículo 2) no final do poema “Teresa” em *Libertinagem* de Manuel Bandeira:

Da terceira vez não vi mais nada,
os céus se misturaram com a terra
e o espírito de Deus voltou a se mover
sobre a face das águas.

ALVORADA — Tipo de ALBA, de vários assuntos, em que as palavras “alva” ou “alvorada” ou “manhã” são necessariamente repetidas no começo ou no fim de cada ESTROFE, como aquela do rei Dom Diniz, que principia:

Levantou-s’á velida,
levantou-s’alva,
e vai lavar camisas
em o alto,
vai-las lavar *alva...*

AMBIGUIDADE — Recurso ou defeito de estilo que permite ao leitor ver mais de um sentido no texto escrito, pela ocorrência de palavras e expressões de significação múltipla, seja pela colocação de palavras que em certa ordem subentendem coisa diversa da que expressariam em outra, seja pela aproximação de palavras suscetíveis de combinar-se dando margem a novas sugestões: estes são os três casos de AMBIGUIDADE previstos por Quintiliano em suas *Instituições Oratórias*, mas William Empson qualifica mais quatro além destes em seu ensaio *Seven Types of Ambiguity*.

AMPLIFICADAS — São RIMAS em que a primeira palavra de um VERSO deriva da última palavra do verso anterior, amplificando-lhe o sentido, como neste exemplo forjado:

Jacó, que a lenda eternizou como *pastor*,
pastoreava o gado alheio e o próprio amor

ANACÍCLICOS — Ver PALÍNDROMO e RETRÓGRADOS.

ANÁCLASE — Troca de QUANTIDADES entre a SÍLABA final de um PÉ e a inicial do seguinte, resultando numa reversão do RITMO no METRO, CÓLON ou VERSO; geralmente é a sílaba LONGA do fim de um PÉ que troca de posição com a BREVE do início do outro.

ANACOLUTO — Espécie de FIGURA pela qual se antecipa no texto uma expressão qualquer, que nela não se integra sintaticamente e que afinal só

vem a justificar-se por referência indireta, como naquela passagem final de “As três formigas” em *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira:

Eis das formigas o caso.
A rosa... fale por *ela*
outra, que é nova no vaso
de Dona Estela!

ANACREÔNTICO — Tipo de VERSO greco-latino, criado por Anacreonte, com dois TROQUEUS entre dois PIRRÍQUIOS.

ANACRUSA — Na VERSIFICAÇÃO quantitativa, é o nome que se convencionou dar a uma SÍLABA extra, anteposta à ARSE inicial de um VERSO, e que, para conservar o esquema métrico, muitas vezes não se leva em conta na ESCANSÃO. Também se poderia dizer que existe ANACRUSA no segundo verso da terceira ESTROFE de “A valsa” em *As Primaveras* de Casimiro de Abreu:

Meu Deus
eras bela
donzela
valsando...

ANADIPOSE — Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete no começo de um VERSO a palavra ou frase final do verso anterior, como neste trecho das “Canções Praianas” em *Poemas e Canções* de Vicente de Carvalho:

Ai, o bem que menos *custa*,
custa a saudade que deixa!

ANÁFORA — Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de vários VERSOS, como nas primeiras ESTÂNCIAS de “Salmo perdido” em *Terra de Ninguém* de Dante Milano:

Creio num deus moderno,
um deus sem piedade.
Um deus moderno, deus de guerra e não de paz.

Deus dos que matam, não dos que morrem.
Dos vitoriosos, não dos vencidos.
Deus da glória profana e dos falsos profetas.

Quando se repetem palavras ou frases no começo de versos alternados, também se diz que há ANÁFORA ALTERNADA, como nas primeiras linhas de “Que esta noite” em *Poemas da Vida e da Morte* de Paulo Corrêa Lopes:

Que esta noite diga por mim
aquilo que não pude dizer.
Que estas estrelas iluminem
aquilo que não pude decifrar.

ANAGRAMA — Palavra ou frase que se forma com as mesmas letras de outra palavra ou frase, em ordens diferentes, como no poema “A Alma e o Corpo” de Alberto de Oliveira, onde se insinua a palavra “porco” em contraposição anagramática a “corpo”, e “lama” como anagrama de “alma”:

A alma: O meu desprezo profundo
dou-te: és, *corpo*, anagramado
do animal pesado e imundo
que se rebolca na lama.

O corpo: Fátua, que divina chama
supões possuir neste mundo:
vê que perfeito anagrama
formam também *alma e lama!*

ANAGRAMÁTICA — Diz-se da RIMA feita com palavras compostas das mesmas letras (anagramas), como no poema “Retrato”, em *Viagem* de Cecília Meireles:

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim *magro*,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio *amargo*.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e *mortas*;
 eu não tinha este coração
 que nem se *mostra*.

ANAPESTO — Na VERSIFICAÇÃO greco-latina, é o PÉ formado por duas sílabas BREVES seguidas de uma LONGA, como se fosse um DÁTILO às avessas.

ANAPTIXE — Define Marouzeau como “desenvolvimento de um fonema parasitário (SUARABÁCTI) que funciona como *vogal de apoio* de efeito eufônico em certas palavras de pronúncia complexa, como em “pneu” que geralmente se diz “peneu”. Ver EPÊNTESE. Um exemplo encontra-se no poema “I-Juca-Pirama” das *Poesias Americanas* de Gonçalves Dias, onde a exigência métrica obrigaria a ler a palavra “ignóbil” como se fosse “igui-nóbil”, com uma sílaba a mais:

Contudo os olhos de *ignóbil* pranto
 secos estão;
 mudos os lábios não descerram queixas
 do coração.

ANÁSTROFE — Nome dado à FIGURA que resulta de uma inversão violenta na ordem habitual das palavras, como no fim de “A Pêra” em *Antologia Poética* de Vinícius de Moraes:

Entre bananas
 supervenientes
 e maçãs lhanas
 rubras, contentes,
 a pobre pêra:
 quem manda *ser a?*

ANCÍPITE — Na VERSIFICAÇÃO quantitativa, a sílaba capaz de funcionar como LONGA ou como BREVE, com DURAÇÃO indiferente; também chamada *syllaba communis*. Por extensão, dá-se ainda o nome de ANCÍPITE ao lugar do VERSO capaz de aceitar uma LONGA tanto quanto uma BREVE.

ANEXADA — Nome dado por Pierre Fabri à RIMA que se faz com palavras que se retomam, no verso seguinte, ampliadas pelo acréscimo de novas sílabas, que lhes aumentam ou alternam o sentido, como no poema “Árvore”, de Domingos Paoliello, que começa:

Árvore
 Harpa de *pã*,
pânico do ar, vórtice...

ANFÍBRACO — Na VERSIFICAÇÃO greco-latina, o METRO ou PÉ formado (ao contrário do CRÉTICO) por uma sílaba LONGA entre duas BREVES.

ANFÍMACRO — Ver CRÉTICO.

ANISSILÁBICOS — Dizem-se os VERSOS de uma composição poética em que não se verifica identidade no número de SÍLABAS; o mesmo que HETEROSSILÁBICOS. Quando também não há obrigação de RIMAS, dizem-se versos LIVRES, como em “A noite cairá depois” nos *Poemas da Vida e da Morte* de Paulo Corrêa Lopes:

A noite cairá depois mais lenta
sobre as cousas.
O sol não mais brilhará sobre as cousas.
E então sobre o teu corpo
nascerão rosas.

ANISOSTRÓFICO — Diz-se do poema que, ao contrário do que acontece no ISOSTRÓFICO, as ESTROFES têm formas desiguais. O mesmo que HETEROSTRÓFICO. Gonçalves Dias nos dá numerosos exemplos de poemas anisostroficos, entre os quais “A Mãe-d’água”, uma de suas *Poesias Americanas*, ou “A Tempestade”, da sua *Lira Vária*, postumamente coligida.

ANTANÁCLASE — Nome dado à FIGURA que resulta quando repete a mesma palavra com sentido diferente, como na sétima ESTÂNCIA de “Coema piranga” em *Martim-Cererê* de Cassiano Ricardo:

Sem ara nem pituna
sem noite e sem dia
cantava o tiepiranga
num ramo de sol
sem nenhuma ideia
de uma *noite* haver *noite*
ou de um *dia* haver *dia*.

ANTECANTO — É o VERSO que se repete, intencionalmente, como RITORNELO, no início de várias ESTROFES, como no “Poema Patético” em *Brejo das Almas* de Carlos Drummond de Andrade:

Que barulho é esse na escada?
É o amor que está acabando,
é o homem que fechou a porta
e se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?
É Guiomar que tapou os olhos
e se assoou com estrondo.
É a lua imóvel sobre os pratos
e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?
É a torneira pingando água,
é o lamento imperceptível
de alguém que perdeu no jogo
enquanto a banda de música
vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?
É a virgem com o trombone,
a criança com o tambor,
o bispo com a campainha
e alguém abafando o rumor
que salta de meu coração.

ANTECIPAÇÃO — Espécie de FIGURA. Ver PROLEPSE.

ANTIBÁQUIO ou **PALIMBÁQUIO** — Na VERSIFICAÇÃO greco-latina, o METRO ou PÉ formado por duas sílabas LONGAS seguidas de uma BREVE.

ANTICHAVÃO — Aproveitamento expressivo do CHAVÃO.

ANTICLÍMAX — Espécie *descendente* de GRADAÇÃO.

ANTÍFONA — Tipo de poema, em geral cantado, no qual se alternam perguntas, ou propostas, e comentários ou respostas, por diferentes partes do coro ou por solistas diversos, ou por solistas e coro etc. Também se dá o nome de *antífona* a uma pequena parte cantada antes e depois de um salmo, e à qual respondem alternadamente as metades do coro.

ANTÍFRASE — Espécie de FIGURA que consiste em enunciar o contrário do que se pretende dizer, como no começo de uma das páginas de *Lira Paulistana* de Mário de Andrade, onde se lê:

Moça linda bem tratada,
três séculos de família,
burra como uma porta:
um amor.

ANTIMETÁBOLE — Nome dado à FIGURA, também chamada ANTI-METÁTESE, que resulta quando se repetem numa frase (ou VERSO) as palavras de outra, como no terceiro DÍSTICO de “Relógio” em *Um Dia Depois do Outro* de Cassiano Ricardo:

Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.

ANTÍSPASTO — Na VERSIFICAÇÃO greco-latina, o METRO formado (ao contrário do CORIAMBO) por duas sílabas LONGAS entre duas BREVES, ou seja, um IAMBO seguido de um COREU.

ANTÍSTROFE — Era a parte que o coro cantava, na ODE grega, andando em sentido contrário ao que vinha seguindo ao cantar a ESTROFE, geralmente como um resposso a esta, justificando ainda mais a sua denominação.

ANTÍTESE — Espécie de FIGURA pela qual se contrapõem palavras ou frases de significação antagônica, de modo a tornar mais chocante a oposição de sentidos, como no “Soneto do maior amor” na *Antologia Poética* de Vinícius de Moraes, que começa:

Maior amor nem mais estranho existe
que o meu — que não sossega a coisa amada
e, quando a sente alegre, fica triste,
e, se a vê descontente, dá risada...

APÓCOPE — Espécie de METAPLASMO por *supressão* de letras no fim da palavra, como em “mármor” por “mármore” em “A Estátua” dos *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira, que começa:

Às mãos o escopro, olhando o *mármor*: “Quero
— o estatuário disse — uma por uma
as perfeições que têm as formas de Hero
talhar em pedra que o ideal resuma!”

APOSIOPESE — Espécie de FIGURA definida por Marouzeau como “interrupção da frase por um silêncio brusco, feito para traduzir uma inesperada hesitação ou emoção da pessoa que fala”, como na estrofe terminal de “Segredos”, em *As Primavera*s de Casimiro de Abreu, ou no primeiro TERCETO de “Lendo os antigos” em *Sonetos e Poemas* de Alberto de Oliveira.

Esta água... Olhe, porém, como é tão pura
esta água! O chão de nítidas areias,
plano, igualado, límpido fulgura.

APÓSTROFE — Espécie de FIGURA pela qual o autor interrompe o curso de uma narrativa para dirigir-se inesperadamente a alguém ou alguma coisa, como em “Os anjos da meia-noite”, nas *Espumas Flutuantes* de Castro Alves:

...Furtivos passos morrem no lajedo...
Resvala a escada do bulcão discreta...
Matam lábios os beijos em segredo...
Afoga-me os suspiros, Marieta!

ARCADISMO — Tendência a fazer literatura com formas e temas idílicos e bucólicos, à maneira de Virgílio e Teócrito, reposta em voga, na Europa, durante os séculos XVI e XVII, com a publicação de uma novela pastoril atribuída a Jacobo de Sannazzaro, *La Arcadia* (1502) e continuada na Espanha com *La Arcadia* de Lope de Vega e *La Galatea* de Miguel de Cervantes, entre outras obras. Conceitua Cirilot, em seu *Diccionario de los Ismos*: “Pela

sua nostalgia, o ARCADISMO busca as paragens naturais, que não mudaram, mas coloca nesse cenário personagens inteiramente distanciados de todo naturalismo e de toda naturalidade... O ARCADISMO é assim um tipo menor de arte, através do qual a grandeza das aspirações classicistas do Renascimento vai cair paulatinamente no neoclassicismo... Em Portugal e na Espanha, passa-se das atormentadas grandiosidades de um classicismo efêmero — que produziu um Camões — para a mais trabalhosa vocação de um Góngora, e daí para a decadência preciosista que já admite plenamente o fracasso do antigo ideal... É pelas experiências desses séculos XVI e XVII que se chega à conclusão de que o retorno é impossível; e como não há volta a coisa alguma, só restaria tomar por modelo ideal o que pareceria mais desejável, o perdido para sempre.” No Brasil o ARCADISMO teve cultores na chamada Escola Mineira, à qual pertenciam Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, e outros.

ARISTOFÂNIO — Tipo de VERSO greco-latino cuja invenção se atribui a Aristófanes, que o teria criado com dois DÍMETROS ANAPÉSTICOS separados por DIÉRESE e dos quais o segundo seria CATALÉTICO.

ARQUILÓQUIO — Tipo de VERSO greco-latino criado pelo poeta Arquíloco, com quatro DÁTILOS, dos quais os três primeiros podem substituir-se por ESPONDEUS, e três TROQUEUS, dos quais o último também pode ser ESPONDEU.

ARSE — Na versificação latina, a parte do PÉ (de preferência uma sílaba LONGA) marcada pelo ACENTO métrico. Os gregos davam-lhe o nome de TESE.

ARTE MAIOR — Dizem-se de ARTE MAIOR, em geral, todos os VERSOS de oito SÍLABAS ou mais, em contraposição à REDONDILHA e aos outros mais curtos que são ditos de ARTE MENOR. Os espanhóis, entretanto, chamam especialmente “ARTE MAYOR” ao VERSO de onze SÍLABAS, de doze às vezes, com CESURA obrigatória na quinta. Para o teórico Nebrija tratava-se de um ADÔNIO DOBRADO ou de um *trímetro-senário*-

-iâmbico; para outro teórico, Rengifo, eram dois PENTASSÍLABOS *graves*. Exemplos de ARTE MAIOR são quase todos os que compõem “Destino” em *Viagem* de Cecília Meireles, que começa:

Pas / to / ra / de / nu // vens, / fui / pos / ta / a / ser / vi // ço
por / u / ma / cam / pi // na / tão / de / sam / pa / ra // da
que / não / prin / ci / pi // a / nem / tam / bém / ter / mi // na,
e on / de / nun / ca é / noi / te e / nun / ca é / ma / dru / ga // da.

ARTE MENOR — Dizem-se de ARTE MENOR, por oposição aos ditos de ARTE MAIOR, os VERSOS de sete SÍLABAS ou menos, em que não há esquema acentual obrigatório.

ASCLEPIADEU — Tipo de VERSO greco-latino, que deve o seu nome ao poeta Asclepiades, contando um ESPONDEU, um CORIAMBO, dois DÁTILOS ou um DÁTILO e um CRÉTICO. Também há um ASCLEPIADEU MAIOR, que tem dois CORIAMBOS em vez de um.

ASINARTETO — Nome dado pelos gregos e latinos ao VERSO cujas partes componentes formam, por sua vez, outros tantos VERSOS independentes, como o PRIAPEU.

ASSÍNDETO — Construção gramatical levada a efeito sem o emprego de conjunções, com resultado positivo na dinamização expressiva, como no “Soneto a Camões” das *Ocidentais* de Machado de Assis, onde se lê:

Assim um homem só, naquele dia,
naquele escasso ponto do universo,
língua, história, nação, armas, poesia,
salva das frias mãos do TEMPO adverso.

ASSOANTES — Ver rimas TOANTES.

ASSONÂNCIA — Qualidade sonora das rimas TOANTES, que por isso também se chamam ASSOANTES. *Lei da não-assonância*, ver em RIMA.